

INTELECTUAIS E ANTI INTELECTUALISMO

A **Revista Malala** chega ao seu **Décimo Número** oferecendo aos leitores e à comunidade acadêmica um instigante – e ao mesmo tempo difícil – debate sobre os intelectuais. O debate é instigante pois, através de nossos quatro entrevistados de diferentes países, com diferentes trajetórias e diferentes gerações, percebemos como o trabalho intelectual está intimamente ligado à própria vida em sociedade. Há temas caros e universais, como liberdade, justiça, democracia e organização política, visando quer seja algo palpável como uma “política pública”, quer seja algo próximo do que chamamos de utopia.

Diante de uma crise como a que vivemos em 2019, na qual a própria ideia de democracia está em jogo, é preciso apostar e refletir sobre o poder das ideias e do diálogo, para assim conseguir perceber e incorporar o “outro” que pensa diferente, que quer algo diferente daquilo que eventualmente projetamos. Os desafios são inúmeros, desde a crescente política identitária nas universidades e as bolhas ideológicas nas redes sociais, passando pelo risco da burocratização estéril da vida intelectual. Para além de crise democrática e liberal no Ocidente, temos de forma mais ampla a própria relevância das universidades colocada em xeque.

Nesta edição especial sobre intelectuais, abordamos também o risco da sombra – que nos parece cada vez mais forte – do anti-intelectualismo. Neste ponto, apesar de soar contraditório, percebemos, em diálogo com os entrevistados, que se trata também de um exercício intelectual. Os anti-intelectuais de hoje querem ser os intelectuais de um novo consenso que tentam construir (...) intelectualmente – ou seria pseudointelectualmente?

Falar dos intelectuais de forma ampla e abstrata nos leva a encontrar, como aponta **Aurelian Craiutu**, a ideia de vocação. Ser intelectual é uma vocação e ganha uma conotação positiva, pois o trabalho vocacional soa como um trabalho que se faz por e com prazer. Mas, no fundo, trata-se também de uma quase condenação, algo difícil de sair, algo que consome, seja o tempo, sejam as forças vitais. Em certo estágio, o trabalho vocacional de uma vida intelectual pode chegar a um ponto de inflexão: “Qual o propósito de tudo isso?”.

E o trabalho intelectual que nasce da liberdade, como aponta **Edson Passetti**, pode se profissionalizar a tal ponto que se torna um fim em si mesmo, como pondera **Daniela Mussi**, mas cujo ponto alto está na presença e permeabilidade pública. E há intelectuais que devemos tratar no plural; há o *intelectual público* que parece ter sido extinto, como aponta **Russell Jacoby**, em tempos como os nossos, de hiperconectividade. Esse cenário

■ apresentação

contemporâneo gera a sensação de muito ruído, mas de pouco entendimento, ou seja, muita opinião, mas pouco debate.

Há os acadêmicos que podem ser “profissionais”, mergulhados nos seus afazeres burocráticos, preocupados com as citações e com seus respectivos currículos e *rankings* que decidem onde e se irão publicar; ou podem ser *scholars*, alguém extremamente especializado, que dirige e coordena pesquisas de ponta e dialoga apenas com poucos pares. Há também o *especialista*, que assessora, opina, dá parecer sobre aquilo que está na órbita de seu conhecimento, mas que muitas vezes perde ou se afasta do debate mais amplo, mais universalista. Neste ponto vale destacar que os intelectuais que se aproximam dos governantes criam com essa proximidade uma aura de elite, tornam-se parte de um grupo seletivo que conseguiria acesso ao processo decisório. Parte do anti-intelectualismo contemporâneo interpreta esse movimento como uma possível conspiração e associa os intelectuais àqueles que querem manipular os governos, os países e as pessoas como um coletivo.

A relação com o poder é um tema sensível no debate sobre intelectuais. O poder talvez seja a maior, se não a grande, tentação aos intelectuais. A promessa de “ver as ideias na prática”, de poder fazer algo concreto para além das ideias, soa extremamente tentador. Nesse ponto Passetti questiona os consensos que transformam “filosofias políticas em ideologias e vice-versa” e mostra que, às vezes, diferentes ideologias, no fundo, afunilam para o mesmo ponto. É preciso questionar por que obedecemos e por que não quebramos esses consensos. O intelectual que adere ao poder pode assim agir também por crença – semelhante à crença religiosa –, seja no sucesso, seja na superioridade de sua tese ou de suas ideias de modo geral. A sedução pelo “sucesso” – ao menos teórico – do marxismo, como aponta Jacoby, ajuda a entender por que alguns intelectuais – de hoje e de ontem – aderem a regimes que se dizem marxistas ou revolucionários. Mas e quando esses modelos fracassam? Nesse ponto, muitas vezes é a sedução que os líderes carismáticos projetam que pode ser um ponto de apoio quando tudo mais parece ruir.

A fidelidade ideológica é outro dilema que abordamos nesta discussão. Por que um intelectual muda de lado (em termos ideológicos) e quais as implicações dessa mudança? E, diante do embate ideológico, qual o espaço para a moderação política?

Dessa discussão chegamos a outro ponto difícil: a relação entre intelectuais e a legitimação da violência, seja ela revolucionária, seja libertária, anticolonial ou anti-imperialista, considerando que, independentemente da justificativa (política ou ideológica), estamos falando de mortos, feridos, presos, torturados e perseguidos. Como bem explica Craiutu pela analogia da omelete: com quantos ovos se faz uma omelete? E quantos ovos estamos dispostos a quebrar até encontrar ou chegar à omelete perfeita? Com quantas vidas se faz uma revolução?

E, por fim, questionamos nossos entrevistados também sobre a relação dos intelectuais com o pensamento utópico ou possíveis saídas mais libertárias. É possível

■ apresentação

ainda acreditar e construir um caminho para um mundo melhor? Em meio a tantos desafios, como ouvimos de Passetti, “a realidade é dura, cabe aos intelectuais serem maleáveis e aprender com ela”.

Seguindo no tema proposto, contamos também com duas resenhas de livros que enfrentam alguns aspectos deste debate. **Leandra Yunis** debate o livro de Ed Husain no qual o cerne da discussão está em como o sufismo pode ser uma alternativa intelectual e prática ao fundamentalismo islâmico. **Priscila E. da Silva** debate um livro sobre Frantz Fanon e a ideia das consequências de uma intelectualidade negra diante dos exemplos da vida e da obra desse livro escrito por Deivison Mendes Faustino. **Mark Bauerlein** faz um retrato intelectual de uma personalidade fruto dos anos 1960 nos Estados Unidos que, nos termos do autor, “mudou de lado, mas não mudou de estilo”. Ao retratar David Horowitz, o autor faz um debate sobre a esquerda nos Estados Unidos e sobre o dilema dos intelectuais que “mudam de lado”. A resenha de filme de **Natalia Calfat** discute o filme *Layla M.*, da holandesa Mijke de Jong, lançando luz sobre as razões para a adesão jihadista e provocando o leitor sobre a frustração pós-adesão, quando poucas das promessas idílicas foram alcançadas.

Em artigos de fluxo contínuo, apresentamos neste número um vasto panorama de trabalhos interdisciplinares: **Jemima de Souza Alves** discute o contexto do processo tradutório da literatura árabe contemporânea e as complexidades que envolvem a prática. Alves dialoga com o pós-colonialismo saidiano considerando os fatos históricos que permeiam a tradução, bem como o papel do tradutor enquanto mediador intercultural. **Ana Ferreira** apresenta uma análise do filme *New Gaza*, de Rita Martins Tragtenberg, em diálogo com os três contos de Jacó Guinsburg. Ferreira aprofunda-se mostrando tanto a complexidade quanto a globalidade da questão da Palestina e do conflito israelo-palestino, dialogando com o modelo de binacionalidade.

Diogo Bercito analisa a experiência do ideólogo do nacionalismo árabe na América Latina Antoun Saadeh, investigando o papel e a importância do *mahjar* no pensamento político de países de idioma árabe através de análises primárias das publicações “Suria al-jadida”. Em seu ensaio, **Rafael Gonzaga Mariano da Silva** discorre sobre a relação histórica entre a produção e a riqueza do gás natural no Catar e a formulação de políticas públicas no país.

Boa leitura!

São Paulo, 22 de abril de 2019
Peter Robert Demant
Editor-chefe da **Revista Malala**

Ariel Finguerut
Membro do Conselho Científico da **Revista Malala**